



ÁREA TEMÁTICA: Novos Conhecimentos, Ciência e Tecnologia

A Gestão do Conhecimento e a Renovação das Economias Capitalistas num Mundo Globalizado:
Uma Análise crítica dos discursos e das realidades europeias

JACQUINET, Marc

Doutoramento em Economia

Universidade Aberta, Portugal e CERIO-FUCAM, Bélgica

mjacquinet@univ-ab.pt

Resumo

Tanto na literatura especializada nas ciências de gestão e administração como em obras e revistas de divulgação, o conceito de gestão do conhecimento tem vindo a adquirir um lugar de destaque impar e consistente. Embora haja sinais de superficialidade, não se trata apenas de uma moda, mas sim de uma premência do discurso e do espelho de uma realidade em profunda transformação. Há um claro paralelo entre o processo de globalização e o desenvolvimento da economia do conhecimento, e é neste quadro que temos que estudar o discurso e as práticas (sociais) da gestão quando se referem ao conhecimento.

Depois de descrever na primeira secção as grandes transformações económicas e sociais relativas à globalização, numa perspectiva socioeconómica, passaremos, numa segunda parte, à definição dos conceitos de conhecimento, economia do conhecimento, globalização, *governance* e gestão do conhecimento, dando relevo às ligações entre os conceitos.

Numa terceira parte, na base da sociologia económica e das organizações estabelecemos o quadro de análise dos discursos e das realidades organizacionais.

Na quarta parte, procedemos a uma análise mais elaborada da emergência do factor “conhecimento” na economia e, sobretudo, nas organizações. Na parte final, enunciamos várias conclusões, uma das mais importantes é a de uma transformação concomitante dos discursos e das realidades, mas de um modo caracterizado pela diversidade e pelas desigualdades de velocidades de transformação ou adaptação.

Palavras-chave: Economia do conhecimento, gestão do conhecimento, sociologia do conhecimento, *governance*, organizações





Introdução

Tanto na literatura especializada nas ciências de gestão e administração como em obras e revistas de divulgação, o conceito de gestão do conhecimento tem vindo a adquirir um lugar de destaque impar e consistente. Embora haja sinais de superficialidade, não se trata apenas de uma moda, mas sim de uma premência do discurso e do espelho de uma realidade em profunda transformação. Há um claro paralelo entre o processo de globalização e o desenvolvimento, não linear mas sustentado, da economia do conhecimento, e é neste quadro que temos que estudar o discurso e as práticas (sociais) da gestão quando se referem ao conhecimento. De um certo modo, o nosso contributo faz seguimento ao estudo de Boltanski e Chiapello sobre o espírito do capitalismo em finais dos anos noventa (Boltanski and Chiapello 2005, Boltanski and Chiapello 1999).

Depois de descrever na primeira secção as grandes transformações económicas e sociais relativas à globalização, numa perspectiva socioeconómica, passaremos, numa segunda parte, à definição dos conceitos de conhecimento, economia do conhecimento, globalização, *governance* e gestão do conhecimento, dando relevo às ligações entre os conceitos.

Numa terceira parte, na base da sociologia económica e das organizações, com autores como Boltanski e Thévenot (1999, 1991, 2000), White (1981, 1992, 2007), Fligstein (Fligstein 1990, 2001, Fligstein and Mara-Drita 1996), estabelecemos o quadro de análise dos discursos (obras e textos de gestão do conhecimento) e das realidades organizacionais.

Na quarta parte, procedemos a uma análise mais elaborada da emergência do factor “conhecimento” na economia e, sobretudo, nas organizações. Na parte final, enunciámos várias conclusões, uma das mais importantes é a de uma transformação concomitante dos discursos e das realidades, mas de um modo caracterizado pela diversidade e pelas desigualdades de velocidades de transformação ou adaptação.

1. Globalização e transformações sócio-económicas

A globalização, um tema que chegou à ribalta das ciências sociais nos anos 1990, ainda suscita polémica, política e académica. O debate sem fim para alguns revela uma pobreza conceptual ou uma falta de maturidade disciplinar, mas para outros, como nós, é uma riqueza e a indicação que o fenómeno que estamos a estudar tem ainda muito para dar e muito trabalho fica por fazer pela frente. Uma das conclusões a que chegamos é a da complexidade do fenómeno com várias escalas e uma diversidade espantosa das transformações em curso e um constante brotar de novos actos, que ainda não entram no jogo, ou ligações novas de elementos já existentes (Jacquinet 2008).

Limitamo-nos aqui às transformações produtivas, mesmo que haja outras (ver parágrafo nº 3) relevantes, numa perspectiva global ou total. Destarte vamos destacar a primeira parte das relações Ciência e Tecnologia (C&T)-Economia-Sociedade, isto é a relação entre a tecnologia (e a ciência) e a economia (o que refiro por sistema produtivo mais adiante). A relação economia-sociedade será desenvolvida na terceira parte.

A relação Ciência e Tecnologia (C&T, daqui em diante) e Economia (ou sistema produtivo) é o elo fundamental da inovação e da mudança tecnológicas. Se admitir-mos uma relação complexa, no sentido de Thomas Hughes (1969, 1979, 1987) quando fala de *technological momentum* e de *large technological systems*, há não só um grande número de elementos e intervenientes como também uma diversidade, específica a cada economia nacional ou sistema produtivo regional ou local. Nesta relação, falta integrar os aspectos vincadamente simbólicos, como os que Leo Marx salientou (Marx 1997, 2000, Smith and Marx 1994), mas guardamos isto para a terceira parte.



2. Conhecimento e gestão do conhecimento

Embora haja uma vasta literatura de sociologia do conhecimento, como as obras clássicas de Karl Manheim (1936) e do seu colega Norbert Elias (Elias 1956, 1980, 1996, 1997, Elias and Schröter 1991), não é a esta que me refiro, nem a da sociológica da ciência desde o marco que foi a obra de Thomas Kuhn (1962). Esta última até se concentra sobre a actividade científica mas o seu impacto vai além da ciência, abrangendo os discursos sobre a ciência. Não é aqui o que entendo por conhecimento. Na presente investigação, entendo, um pouco à laia da filosofia clássica conhecimento, o conhecimento humano, isto é, (1) o conhecimento em termos gerais e (2) a gestão do conhecimento como apareceu em finais da década de 1990. A definição do conhecimento adoptada abrange o conhecimento técnico e as práticas no mundo do trabalho, por exemplo, tornando a definição operacional para o sociólogo ou o etnólogo (vide ponto seguinte para mais detalhes).

Foi nos anos noventa que apareceu a disciplina de gestão do conhecimento (*knowledge management*), em primeiro lugar associada ao problema da gestão dos sistemas de informação e das bases de dados. Gerir bases de dados ou sistemas de informação era parte de uma tarefa maior, gerir a informação e organizar e construir o conhecimento das organizações e dos seus funcionários. Parte da literatura dita de gestão de informação mantém esta ligação forte e associa-se à expressão quase sinónima de gestão de (sistemas de) informação.

Em simultâneo, e não por acaso na mesma altura, emergiram as expressões de economia do conhecimento (*knowledge economy*), economia baseada no conhecimento (*knowledge-based economy*), economia em rede (*network economy*), sociedade em rede (*network society*), sociedade do conhecimento (*knowledge society*) e gestão do conhecimento, como disciplina geral ou novo paradigma de gestão que abrange doravante o sistema de informação como sub-sistema. E é esta última que nos interessa em primeiro lugar mas entendido no contexto em que emergiu, um novo paradigma da comunicação em que se fala, não por acaso mais uma vez, de sociedade ou economia em rede como de rede informática, rede de computadores, e trabalhos em rede. As redes informáticas ou sociais significam protocolos ou línguas e linguagens comuns, compatibilidade ou coordenação das ligações e interações e definição de normas.

A gestão do conhecimento é então entendida como, em primeiro lugar, um discurso sobre o trabalho e as organizações e como, em segundo lugar, uma prática emergente nestas organizações que visa gerir a informação, as práticas, o saber-fazer e o conhecimento que aí coexistem e que precisam ser valorizados e coordenados.

3. Uma perspectiva sociológica

As transformações actuais não se limitam ao sistema produtivo e abarcam toda a(s) sociedade(s). Mesmo que as primeiras mudanças sejam limitadas aos sistemas produtivos, as mudanças tecnológicas e económicas tem consequências sociais, como, por exemplo, o consumo. Mais ainda, a causalidade não se limita ao sentido Ciência e Tecnologia para as empresas e, a seguir, a sociedade. Esquemáticamente temos um primeiro nexos causal:

C&T → Produção (Empresas/Economia) → Sociedade (1)

Este é o modelo do determinismo tecnológico tradicional que podemos encontrar num autor como Ogburn, entre muitos outros (Ogburn 1937, 1964, Ogburn and Nimkoff 1955, Ogburn 1928, Ogburn 1938, 1947).

A causalidade vai também no sentido da sociedade para as organizações e o sistema de ciência e tecnologia (C&T). Vários autores tem defendido esta possibilidade (Schatzberg 2003, Scranton 1991, 1995, 2000, 2006, Williams 1990, 1991, 2000, 2002a, 2002b, 2007). Destarte temos um nexos causal invertido:

Sociedade → Produção (Empresas/Economia) → C&T (2)

A história não pára aqui, há nexos causais que vão da produção e das organizações para o sistema de C&T e a sociedade. Daí resulta uma concepção mais complexa da causalidade e das relações causais entre elas. Esta visão é de igual modo defendida por autores como Williams, Scranton e Leo Marx que são



dedicados ao estudo das transformações tecnológicas (Marx 1997, 2000, Scranton 1991, 1995, 2000, 2006, Smith and Marx 1994, Williams 1990, 1991, 2000, 2002a, 2002b, 2007). Neste caso a dimensão temporal ou histórica tem importância de um ponto de vista teórico e também para os estudos de casos históricos ou as séries temporais que revelam padrões diferentes dos que encontramos nas análises de amostras seccionais ou transversais (*cross-section data*).

Por conseguinte, nesta causalidade complexa, há um lugar de destaque para as explicações de natureza sociológica. Podemos dizer mais ainda que é justamente neste enquadramento de causalidades múltiplas que se situa a mais valia da análise sociológica para o entendimento e a compreensão (a questão do sentido) dos fenómenos sociais emergentes ou das inércias que encontramos nas sociedades contemporâneas. Não só podemos falar de tecnologia emergente (Adner and Levinthal 2002) como de fenómenos (sociais ou económicos) emergentes e a gestão do conhecimento nas organizações é um deles. Parte da lógica da premência da gestão do conhecimento tem a ver com a mudança da sociedade e das organizações: o aumento do nível de vida (e as suas flutuações conjunturais), a diversidade de padrões de vida, o alargamento da escolaridade, o prolongamento da esperança de vida, a transformação da estrutura demográfica, as migrações e os novos modelos de trabalho. Na sociologia das organizações e do trabalho, estas transformações são patentes e merecem mais atenção do que a dispensada até agora (Scieur 2001, 2005).

Os engenheiros e o funcionamento quotidiano do sistema produtivo são o reflexo, o seguimento e a resposta desta ou a esta transformação. A gestão do conhecimento apareceu numa larga medida nos serviços técnicos e de engenharia dos sistemas de informação das empresas, nomeadamente nas organizações que praticavam a gestão de projectos como os produtos e os sistemas complexos (Hobday 2000, Hobday, Rush and Tidd 2000).

4. Emergência ou mutação dos factores conhecimento e informação

A emergência da gestão do conhecimento nas organizações, com este nome é recente, e situa-se nos anos 1990. No entanto, de um modo geral, o problema do conhecimento - individual e organizacional, existe desde sempre, mas há que distinguir as transformações importantes desde a primeira revolução industrial. Não vale a pena aqui fazer um resumo da evolução das teorias das organizações aqui. Só precisamos ter consciência de que o conhecimento dos trabalhadores foi muito negligenciado durante séculos e só entre a com o taylorismo e os trabalhos da escola dita das relações humanas é que o conhecimento dos trabalhadores interessou os investigadores, mas muito menos os responsáveis das empresas. O conhecimento dos trabalhadores era reduzido em larga medida às informações técnicas ou acontecimentos na fábrica (e.g., denúncias de colegas, relatórios de incidentes, etc.).

Porque só nos anos 1990 é que o conhecimento do pessoal empregado e sua gestão despoletou uma atenção cada vez maior por parte de académicos, técnicos, gestores e administradores? Parte da explicação, tem a ver com o aparecimento de modas na literatura de gestão depois da gestão da qualidade, da gestão da qualidade total, do *just-in-time*, da gestão por objectivos, etc., aparece a gestão do conhecimento.

Embora esta explicação tem algum fundamento, é redutora e não reflecte a investigação das organizações do trabalho que se tem desenvolvido nos últimos cinquenta anos. Limitamos aqui a leitura económica e sociológica, incluindo as práticas de gestão das organizações. As organizações evoluem, as empresas sofrem da pressão concorrencial, há fenómenos de obsolescência tecnológica, há uma aceleração das mudanças tecnológicas e do trabalho. A nossa hipótese é que a literatura sobre gestão do conhecimento é o reflexo dessas mudanças. É um discurso sobre as transformações em curso.

Parte do problema vem da distinção entre conhecimento e informação. Numa perspectiva tradicional, a informação é distinguida do conhecimento, sendo a informação a mera organização de dados, sem que



tenha um sentido ou uma leitura possível sem um actor ou grupo de actores. O conhecimento é então o saber humano e a interpretação dos dados e da informação para a acção nas organizações.

No nosso entender, a parte importante não é apenas distinguir os dois componentes, mas realçar a sua ligação e interdependência. O conhecimento é a actividade humana de trabalhar com a informação e é uma problemática social fundamental. A gestão do conhecimento foi então uma tentativa de pôr uma etiqueta, como o entendeu Howard S. Becker, sobre um problema antigo e que tem vindo a ganhar novas formas nas duas últimas décadas. Mais a transformações das organizações tem muito a ver com o declínio da economia administrada (*managed economy*) e a emergência de uma nova economia ou novas economias como a economia empreendedora (*entrepreneurial economy*), a economia em rede e a economia do conhecimento, que agora se declinam em sociedades do conhecimento, em rede e empreendedora (Audretsch 2007, Audretsch and Thurik 2000, Audretsch and Thurik 2001).

Conclusões

A economia do conhecimento e a transformação das economias europeias e ocidentais de economias dirigidas para economias baseadas em novos empreendimentos e empreendedores revelam um novo contexto para as organizações. A gestão do conhecimento é entendida nesta perspectiva como uma transformação das práticas de trabalho nas organizações com maior atenção dada às competências dos trabalhadores e ao papel do saber como factor de produção.

Além dos discursos e das modas, a gestão do conhecimento é um marco central da transformação das economias capitalistas em que os factores produtivos são mais diversos e complexos.

Referências

- ADNER, RON and DANIEL A. LEVINTHAL (2002): "The emergence of emerging technologies," *California Management Review*, 45 (1), pp. 50–66.
- AUDRETSCH, DAVID B. and A. ROY THURIK (2000): "Capitalism and democracy in the 21st Century: from the managed to the entrepreneurial economy*," *Journal of Evolutionary Economics*, 10 (1), pp. 17-34.
- AUDRETSCH, DAVID A. (2007): *The entrepreneurial society*. Oxford University Press, Oxford
- AUDRETSCH, DAVID B. and A. ROY THURIK (2001): "What's New about the New Economy? Sources of Growth in the Managed and Entrepreneurial Economies," *Ind Corp Change*, 10 (1), March 1, 2001, pp. 267-315.
- BOLTANSKI, L. and E. CHIAPELLO (2005): "The New Spirit of Capitalism," *International Journal of Politics, Culture, and Society*, 18 (3), pp. 161-88.
- BOLTANSKI, LUC and ÈVE CHIAPELLO (1999): *Le nouvel esprit du capitalisme*. Paris: Gallimard
- BOLTANSKI, LUC and LAURENT THEVENOT (1999): "The Sociology of Critical Capacity," *European Journal of Social Theory*, 2 (3), pp. 359.
- BOLTANSKI, LUC and LAURENT THÉVENOT (1991): *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris: Gallimard
- BOLTANSKI, LUC and LAURENT THÉVENOT (2000): "The reality of moral expectations: A sociology of situated judgement," *Philosophical Explorations*, 3 (3), pp. 208-31.
- ELIAS, N and M SCHRÖTER (1991): *The society of individuals*. Basil Blackwell Cambridge, Mass., USA



- ELIAS, NORBERT (1956): "Problems of Involvement and Detachment," *British Journal of Sociology*, 7 (3), Sep., pp. 226-52.
- ELIAS, NORBERT (1980): *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70
- ELIAS, NORBERT (1996): *Du temps*. Paris: Fayard
- ELIAS, NORBERT (1997). *La société des individus*. Paris, Plon: pp.
- FLIGSTEIN, NEIL (1990): *The transformation of corporate control*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press
- FLIGSTEIN, NEIL (2001): "Social Skill and the Theory of Fields.," *Sociological Theory*, 19 (2), 2001/07//, pp. 105.
- FLIGSTEIN, NEIL and IONA MARA-DRITA (1996): "How to Make a Market: Reflections on the Attempt to Create a Single Market in the European Union," *American Journal of Sociology*, 102 (1), Jul., pp. 1-33.
- HOBDDAY, MIKE (2000): "The project-based organisation: an ideal form for managing complex products and systems?," *Research Policy*, 29 (7-8), 2000/8, pp. 871-93.
- HOBDDAY, MIKE, HOWARD RUSH and JOE TIDD (2000): "Innovation in complex products and system," *Research Policy*, 29 (7-8), 2000/8, pp. 793-804.
- HUGHES, THOMAS P. (1979): "Emerging Themes in the History of Technology," *Technology and Culture*, 20 (4), Oct., pp. 697-711.
- HUGHES, THOMAS P. (1987): "The Evolution of Large Technological Systems," in *The Social Construction of Technological Systems*, ed. by W. E. Bijker, T. P. Hughes and T. J. Pinch. Cambridge MA: MIT Press, 51-82.
- HUGHES, THOMAS PARKE (1969): "Technological Momentum in History: Hydrogenation in Germany 1898-1933," *Past and Present*(44), Aug., pp. 106-32.
- JACQUINET, MARC (2008). *La question des changements d'échelle dans les phénomènes socio-économiques*. Mons, CERIO: pp. 13.
- KUHN, THOMAS S. (1962): *The structure of scientific revolutions*. University of Chicago Press, Chicago
- MANHEIM, KARL (1936): *Ideology and Utopia*. New York: Brace and Co
- MARX, LEO (1997): "Technology: The Emergence of a Hazardous Concept," *Social Research*, 64 (3), pp. 965-88.
- MARX, LEO (2000): *The Machine in the Garden: Technology and the Pastoral Ideal in America*. New York: Oxford University Press US
- OGBURN, WF (1937): "The Influence of Inventions on American Social Institutions in the Future," *The American Journal of Sociology*, 43 (3), pp. 365-76.
- OGBURN, WF (1964): *On culture and social change: selected papers*. University of Chicago Press
- OGBURN, WF and MF NIMKOFF (1955): *Technology and the changing family*. Houghton Mifflin
- OGBURN, WILLIAM F. (1928): "Inventions and Discoveries," *American Journal of Sociology*, 34 (1), Jul., pp. 25-39.
- OGBURN, WILLIAM FIELDING (1938): "Technology and Sociology," *Social Forces*, 17 (1), Oct., pp. 1-8.
- OGBURN, WILLIAM FIELDING (1947): "How Technology Changes Society," *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 249 (Social Implications of Modern Science), Jan., pp. 81-88.
- SCHATZBERG, ERIC 1956- (2003): "Symbolic Culture and Technological Change: The Cultural History of Aluminum as an Industrial Material," *Enterprise & Society*, 4 (2), pp. 226-71.



- SCIEUR, PHILIPPE (2001): *Polynomie et désarroi. Contribution à une sociologie des petites et moyennes entreprises familiales*. Louvain-la-neuve: Ciaco
- SCIEUR, PHILIPPE (2005): *Sociologie des organisations*. Paris: Armand Colin
- SCRANTON, PHILIP (1991): "Theory and Narrative in the History of Technology: Comment," *Technology and Culture*, 32 (2, Part 1), Apr., pp. 385-93.
- SCRANTON, PHILIP (1995): "Determinism and Indeterminacy in the History of Technology," *Technology and Culture*, 36 (2, Supplement: Snapshots of a Discipline: Selected Proceedings from the Conference on Critical Problems and Research Frontiers in the History of Technology, Madison, Wisconsin, October 30-November 3, 1991), Apr., pp. S31-S53.
- SCRANTON, PHILIP (2000): *Endless Novelty: Specialty Production and American Industrialization, 1865-1925*. Princeton: Princeton University Press
- SCRANTON, PHILIP (2006): "How Users Matter: The Co-Construction of Users and Technology (review)," *Technology and Culture*, 46 (4), pp. 818-20.
- SMITH, M. R. and LEO MARX (1994): *Does Technology Drive History?: The Dilemma of Technological Determinism*. MIT Press
- WHITE, HARRISON (1981): "Where do markets come from?," *American Journal of Sociology*, 87, pp. 517-47.
- WHITE, HARRISON C. (1992): *Identity and Control: A Structural Theory of Social Action*. Princeton: Princeton University Press
- WHITE, HARRISON C. (2007): "Instituting Society, Our Mirage," *European Journal of Social Theory*, 10 (2), May 1, 2007, pp. 194-99.
- WILLIAMS, ROSALIND H. (1990): *Notes on the Underground: An Essay on Technology, Society, and the Imagination*. MIT Press
- WILLIAMS, ROSALIND H. (1991): *Dream Worlds: Mass Consumption in Late Nineteenth-century France*. University of California Press
- WILLIAMS, ROSALIND H. (2000): "'All That Is Solid Melts into Air': Historians of Technology in the Information Revolution," *Technology and Culture*, 41 (4), pp. 641-68.
- WILLIAMS, ROSALIND H. (2002a): *Retooling: A Historian Confronts Technological Change*. MIT Press
- WILLIAMS, ROSALIND H. (2002b): "A Technological World We Can Live In," *Technology and Culture*, 43 (1), pp. 222-26.
- WILLIAMS, ROSALIND H. (2007): "Opening the Big Box," *Technology and Culture*, 48 (1), pp. 104-16.